

Resenha de: Krausz, Luis S., *Outro Lugar*, Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2017, 361 páginas.

Outro Lugar: Os Muitos Lugares da Literatura Judaica

Isadora Goldberg Sinay¹

Outro Lugar começa anunciando uma viagem para Nova York. O narrador, um jovem no Brasil dos anos 1980, se prepara para uma temporada de estudos na Columbia University. A julgar pelo breve primeiro capítulo é fácil imaginar que se trata de uma história conhecida de expatriado: um jovem deixa o país em busca de melhores condições para a carreira e experimenta o alienamento e a solidão dos estrangeiros. *Outro Lugar*, contudo, é sobre mais do que essa simples jornada.

Composto de capítulos muito breves que vão e voltam no tempo, de forma quase proustiana, e se espalham pelo globo, o romance parece partir de uma enorme pergunta: o que é “outro lugar” para o escritor judeu? Ou simplesmente o que é “outro lugar” para os judeus?

Desde o início é apresentado o amigo do protagonista, René Liviano, jovem de origem romena cuja família escapou da ditadura de Nicolau Ceaușescu para Israel e em seguida para São Paulo. Os outros lugares de René Liviano são vários: a Romênia dos pais, a Beer Sheeva onde nasceu e a São Paulo, em que agora vive. Muitos são os lugares que formam Liviano, o protagonista ou qualquer jovem judeu.

A nostalgia e o fascínio por esses outros lugares são temas centrais do romance. A família do protagonista, judeus de origem vienense, não abandona uma ideia de Europa que já não corresponde à realidade. Presos no calor do Brasil, mantêm uma casa em Campos do Jordão e sonham com invernos rigorosos e *apfelstrudels*, mas sabem, a cada nova visita a Europa pós-guerra,

¹ Doutoranda em Estudos Judaicos no Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes da FFLCH-USP.

que esse lugar já não está mais compreendido no espaço físico do continente. Os lugares do romance são também tempos.

Em vários capítulos, Krausz evoca a São Paulo dos anos 1960 e 70, a novidade da Confeitaria Viena, no Conjunto Nacional, ou a loja de doces que ainda se chamava Anna Ofner. Para o habitante atual da metrópole, essas referências são como migalhas de pão, ou, para os que conheceram essa São Paulo, madeleines de Proust. Evocações de um lugar que já não existe, mesmo que a cidade de mesmo nome, mesmas ruas, mesmas avenidas, ainda se eleve nas mesmas coordenadas geográficas. O que vemos nessas lembranças de uma outra São Paulo é a sobreposição de tempo e espaço e o como o tempo que passa por uma cidade torna-a cada vez mais outra. O *Outro Lugar* do título é também esse lugar, como evidenciado pela foto do edifício Martinelli na capa.

Israel, Nova York, São Paulo, Alemanha, presente e passado são os outros lugares do título. Ao longo das 350 páginas divididas em capítulos muito curtos o autor entrelaça a história de seu protagonista em Columbia com as histórias de muitos judeus e seus muitos outros lugares. São histórias de deslocamentos múltiplos e da constante sensação de ser estrangeiro que acompanha muitos desses judeus, mesmo em suas terras natais.

O protagonista e narrador é talvez o melhor exemplo: em São Paulo se vê almejando a Europa de seus avós; ao partir para Nova York relembra o centro de São Paulo dos anos 70, esse mesmo um fantasma do centro do início do século. O livro que começa com sua partida ansiosa para Nova York termina com ele deixando a cidade por uma Alemanha que o leitor nunca encontra, uma Alemanha que dentro do livro é feita apenas de expectativa e lembranças de viagens anteriores.

Isso tudo torna *Outro Lugar* um romance que nubla as fronteiras da forma. O narrador em primeira pessoa compartilha traços biográficos com o autor do livro e uma breve menção ao sobrenome "Krausz" escrito em uma mala pode nos levar a tomar esse texto como autobiográfico. Porém, se como diz Philippe Lejeune, o pacto autobiográfico estabelecido pela coincidência entre autor, narrador e protagonista deve ser ratificado pelo objeto livro, então *Outro Lugar* é um romance. Ao menos, é isso o que consta em sua ficha catalográfica.

Quanto é ficção, quanto autobiografia é o mistério que conduz a experiência de leitura do livro. A relação direta entre a realidade e as pessoas do mundo real levam o leitor, por vezes, a entender o livro como um ensaio sobre os temas da diáspora e deslocamento. Poucas páginas depois, entretanto, ele vira na direção de uma narrativa interior do protagonista, um romance moderno, quase um fluxo de consciência que narra a trajetória desse jovem do Brasil para os Estados Unidos para a Alemanha em busca de um lugar que deixe de ser outro lugar.

Extremamente fragmentado, a estrutura alinha o protagonista às dezenas de outros personagens que aparecem. Ao criar paralelismos entre a jornada central e as muitas jornadas apresentadas, o autor estabelece um destino e uma jornada comuns. Uma jornada judaica, por assim dizer. Esse protagonista sem nome pode muito bem ser o jovem Luis Krausz, assim como não ser ninguém e ser qualquer um. Qualquer um desses personagens em busca de uma raiz.

Sendo assim, o romance aborda de forma lírica, e com um foco na intimidade dos personagens, questões-chave da identidade contemporânea, como as relações entre Israel e diáspora. Não só diversos personagens deixam Israel pela diáspora, como também sentem-se exiladas em países europeus considerados *galut* pela ideologia sionista. A nostalgia que a família do protagonista tem da Europa é um sentimento de exílio, de desterro, daqueles que deixaram sua terra mãe.

O que Krausz parece apontar nesse livro é a existência de muitas, e, portanto, nenhuma, terra mãe para os judeus. A história judaica no século XX é uma sobreposição de diáspora e expulsões, uma busca por um lugar que muitas vezes seguiu frustrada mesmo depois da fundação do Estado judeu.

Para explorar a amplitude e a constância desse tema, o romance muitas vezes se torna repetitivo. Em seus breves capítulos, são contadas histórias que se repetem infinitamente. É uma escolha acertada para o tema e os capítulos breves evitam que a leitura se torne cansativa. A linguagem de Krausz é poética e complexa, ecoando (propositadamente ao que tudo indica) nomes como Bruno Schultz e S.Y. Agnon.

As referências à *Hóspede Por Uma Noite* são visíveis e amarram *Outro Lugar* ao cânone da literatura judaica através de uma obra com a qual compartilha os temas centrais. Além do mais, o protagonista de Agnon é não nomeado e estrangeiro em uma terra pela qual nutre sentimentos ambivalentes. A estrutura narrativa dispersa, em que pouco acontece no arco narrativo central, enquanto diversas pequenas histórias se desenrolam ao redor, também ecoa a obra prima de Agnon.

É possível chamar *Outro Lugar* de um romance pós-moderno, pois ele abarca as ambiguidades de forma que o rótulo lhe cai bem. O livro nubla a fronteira entre autobiografia e ficção, mas vai além, misturando também romance e ensaio, arco narrativo tradicional e uma fragmentação que em certos momentos o faz parecer um livro de contos. A linguagem poética e rebuscada do autor casa perfeitamente com esse fluxo e amarra as muitas camadas de lugares, tempos e pessoas que formam o livro.